

C) Reconhecimento profissional no setor artístico e/ou cultural de inscrição: prêmios, homenagens, citações, seleção em mostras, festivais, e outros, decorrentes da atuação profissional e da produção artística e cultural

Atuação Artística

Matérias em jornais
(Entrevistas, registro de atividades artísticas
e em políticas culturais)

Vanéssia Gomes
85 992717751 telefone
85 996219191 whatsapp
vanessiagomes@gmail.com

vida & arte

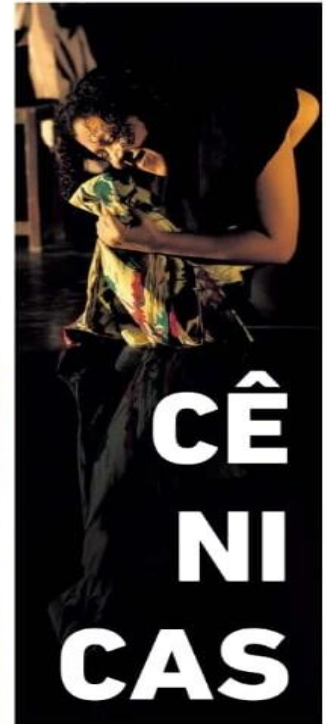
TE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO



Espectáculo "Final da Tarde" propõe experiência de atuação entre transeuntes



Feminismo, política, arte pública e ativismo são alguns dos temas presentes no espetáculo "Boca Amordaçada"



Desmontagem com a atriz, diretora e pesquisadora Vanéssia Gomes

| LANÇAMENTO | Atriz, pesquisadora e integrante do Grupo Teatro de Caretas, Vanéssia Gomes compartilha processos criativos de sua trajetória em livro

MIGUEL ARAUJO
ESPECIAL PARA O PÓVO
miguelaraujo@opovo.com.br

Compartilhar memórias de uma trajetória artística de mais de duas décadas: com tantas experiências e processos criativos, é dessa forma que se apresenta o livro "Cicatriz - Desmontagem de uma Trajetória Cênica em Teatro de Rua", da atriz, pesquisadora em teatro e integrante do Grupo Teatro de Caretas Vanéssia Gomes. A obra será lançada no próximo sábado, 24, e será acompanhada da exibição da desmontagem cênica "Cicatriz".

A escolha de desenvolver esses trabalhos começou ainda em 2017, quando Vanéssia ingressou no mestrado de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Para aliar os estudos aos seus passos trilhados no grupo Teatro de Caretas, no qual atua há mais de duas décadas, a atriz pensou inicialmente em "estudar todo o processo do grupo", mas percebeu que seriam muitos elementos para abordar.

Assim, a escolha final se restringiu a três espetáculos "potentes", que, na visão de Vanéssia, fazem "marcos

dentro da trajetória do grupo. Dessa forma, a pesquisadora em teatro passou a investigar as experiências cênicas "Cortejo de Caretas", "Final da Tarde" e "Boca Amordaçada", buscando entender seus processos criativos e como o grupo idealizou esses trabalhos.

Ao longo das leituras para sua dissertação (que se tornou o livro que será lançado), encontrou trechos de trabalhos antigos que mencionam "riscos", "rastros" e "cicatrizes". Ao se deparar com esses temas, pensou em aliá-los ao potencial tema da memória trabalhado em seu livro, relembrando experiências: "Eu achei bem marcante porque trata sobre marcas, sobre coisas que vão se agregando à minha história. São coisas que estão vinculadas ao meu corpo e à minha atuação, já que o teatro tem essa potência do corpo, de estarmos em cena".

Em "Cortejo de Caretas", é desenvolvida uma investigação sobre máscaras presentes em manifestações tradicionais do Nordeste. Quanto ao espetáculo "Final da Tarde", ele é um trabalho itinerante realizado em centros de cidades para pensá-las como dramaturgia. Por fim, "Boca Amordaçada" é uma obra que



Socialmente e culturalmente é bem emblemático trabalhar com teatro e arte pública de rua"

VANÉSSIA GOMES
Diretora e atriz

aborda feminismo e memória.

Estudar o próprio "fazer artístico" ajudou Vanéssia a compreender processos e a se reaproximar de materiais antigos, podendo, assim, sistematizar no livro seus conhecimentos e a partir da possibilidade de encontrar estabelecer "um canal de diálogo". "Voltar para esses materiais foi de extrema riqueza. Foi maravilhoso para mim", acrescenta a pesquisadora.

A desmontagem cênica, formato que olha para o próprio fazer, é um solo gravado em outubro no teatro

do Centro Cultural do Bom Jardim (CBBJ), um momento "bem significativo" para Vanéssia. "Agora as pessoas poderão assistir e ver que é um procedimento bem interessante para todos nós artistas, para falarmos sobre o nosso fazer artístico e o processo criativo envolvido. Pode parecer que a obra de arte surge de um passe de mágica, mas não, é muito trabalho para se chegar até a um espetáculo", destaca a atriz.

A gravação do trabalho ocorreu devido à pandemia. Com mais de 20 anos de experiência no teatro, em que se destaca o reforço permanente sobre a arte pública de rua, Vanéssia lembra que o segmento cultural "sempre esteve em uma batalha cotidiana por recursos, reconhecimento e espaço", e que, com a pandemia, esse cenário se agravou. Assim, foi mais um desafio que se somou à sua trajetória: "Está sendo um desafio para descobrir esse novo lugar de praticar teatro e arte. Nós sabemos que são outros formatos, que não eliminam a necessidade do formato presencial, mas instigam para novas investigações".

Mais que as apresentações de suas obras, a oportunidade

de "valorizar" o espaço da arte teatral em Fortaleza: essa é uma das expectativas de Vanéssia. "Agora as pessoas poderão assistir e ver que é um procedimento bem interessante para todos nós artistas, para falarmos sobre o nosso fazer artístico e o processo criativo envolvido. Pode parecer que a obra de arte surge de um passe de mágica, mas não, é muito trabalho para se chegar até a um espetáculo", destaca a atriz.

Serviço

Lançamento "CICATRIZ - Desmontagem de uma Trajetória em Teatro de Rua"

Quando: sábado, dia 24, às 17 horas

Onde: @teatroderecetas e @vanessiagomes no Instagram

Quanto: R\$ 35 - frete

Como comprar: livrocicatriz@gmail.com

Exibição Desmontagem Cênica "Cicatriz"

Quando: sábado, dia 24, às 19 horas

Onde: Vanéssia Gomes no YouTube

O anúncio cobriu o conteúdo Anúncio visto várias vezes O anúncio era inadequado Não quero ver o anúncio

Um ano depois, a pandemia alterou a forma de produzir arte?

VERSO

Escrito por Antonio Laudencir, laudencir.oliveira@svm.com.br 14:00 / 19 de Março de 2021.

Sem atividades presenciais nos últimos doze meses, artistas precisaram repensar as possibilidades criativas para levar seus trabalhos até o público. Historicamente marcado pela interação entre artistas e plateia, o teatro abraçou outras linguagens, como o audiovisual



Legenda: Momento de produção do e-book "Casas do Confinamento/ Escenas del Confinamiento". Objetivo da obra é manter a área teatral em atividade durante a pandemia com textos em português e espanhol. Organização recebeu 325 textos (218 em português e 120 em espanhol) de autores e autoras de vários países da América Latina, Europa e Estados Unidos



Dois anos atrás, **Diego Lucena entregou "O Submerso"**. Primeiro trabalho solo do músico cearense, o disco foi concebido num contexto avesso dos dias atuais. Na última sexta-feira (12), o guitarrista lançou a faixa inédita "wat u gonna do today?". O "single" é um aperitivo do novo álbum, previsto para final de 2021.

ENSINO EINSTEIN CURTA DURAÇÃO EAD CURSOS DE CURTA DURAÇÃO EAD

- » 'Primeiros a parar, últimos a voltar', o drama de profissionais da cultura nos 12 meses de pandemia
- » União da classe artística cearense foi a reposta contra o cenário dramático da pandemia
- » O setor cultural precisa começar agora a construir o futuro pós-Covid
- » Cultura e pandemia: cearenses partilham lembranças e hábitos de fruição em ano atípico
- » Um ano depois, a pandemia alterou a forma de produzir arte?

O processo de compor, gravar e lançar em meio a uma crise sanitária é diferente? "Teria sido algo mais 'estruturado', com certo grau de planejamento", argumenta o realizador. São 12 meses de uma situação inédita para toda uma geração.

O isolamento social, exigência necessária à não proliferação do vírus, impactou diretamente o processo criativo de artistas e produtoras. [Em contrapartida, o público também testemunhou estas ressignificações no consumo cultural.](#)

Lucena adverte que a canção sugere a influência do momento. O termo em inglês ("O que você vai fazer hoje?") é uma consequência deste tempo. Com isso, a pandemia adentra como tema e reflexão do debate. A música questiona o cenário indigesto. "Todos os dias acabam sendo muito parecidos para quem está no 'home office'", define o compositor.

PRODUÇÃO COLETIVA

Integrante do [Grupo Teatro de Caretas](#), cientista social e mestra em artes, Vanéssia Gomes confirma que suas atividades enquanto atriz, diretora, produtora e professora se modificaram. No caso da sala de aula, as atividades remotas foram possíveis imediatamente. Contudo, a criação e produção teatral ficou paralisada.



"Não conseguir ter os espaços para o convívio e a presença que são o princípio do trabalho teatral, causou um choque que foi difícil imaginar soluções. O contato com outros artistas e a possibilidade do diálogo sobre os desafios criaram ideias", resgata.

Outro ponto de vista recai acerca da individualidade da artista. Superar o isolamento físico, transformando-o em espaço de criação, reservou

Outro ponto de vista recai acerca da individualidade da artista. Superar o isolamento físico, transformando-o em espaço de criação, reservou outra dificuldade. "Ainda tínhamos todos os medos em ficarmos doentes. Então o contexto não era/não está sendo fácil".

Dentre os projetos realizados neste período, Vanéssia destaca dois. O primeiro trata da organização de um concurso de dramaturgia que envolveu outros docentes como André Carreira (UFES - Santa Catarina) e Narciso Telles (UFU - Minas Gerais). Ao todo, 55 autores e autoras de diversas nacionalidades (Brasil, Peru, Espanha, Argentina, Chile, entre tantos) produziram o livro "Cenas do Confinamento" ([Ele pode ser lido aqui](#)).



A entrevistada divide outra realização coletiva. "Vivi junto a outras colegas do teatro, algo que nos fez antes de atuar, pensar nas câmeras, criar ambientes, observar e escolher ambientes em casa, trabalhar com os sons do cotidiano familiar, recriar a forma de atuar. A necessidade imediata de se gravar foi algo que mais transformou minha forma de trabalho, digo isso porque já tinha a experiência de câmera devido aos trabalhos com cinema e vídeo, mas agora era absolutamente diferente, porque era eu sozinha gravando, e dialogando pela internet com as outras atrizes e com o diretor", conclui Vanéssia Gomes.

2020 – Matéria sobre a apresentação da montagem cênica CICATRIZ – Solo com Vanéssia Gomes



Projeto musical e masterclass de dança são destaques da programação cultural; confira a agenda

VERSO

Escrito por Redação, 14:00 / 26 de Novembro de 2020. Atualizado às 13:59 / 26 de Novembro de 2020

Fortaleza tem atrações diversas nos equipamentos culturais da cidade

TEATRO

Teatro em Pauta

Sexta-feira (27), às 16h30, no [Youtube](#) do Centro Cultural Bom Jardim



Vanéssia Gomes apresenta o espetáculo "Cicatriz" + bate-papo, ao vivo no YouTube. Tratando sobre o universo da atuação teatral com máscaras e fruto da construção a partir do corpo brincante a atriz apresenta a montagem cênica. O trabalho tem como referência a cena do teatro de rua e os encontros com diretores teatrais e mestres populares.

ESPECIAL

NArTE em Pauta: Mulher, mulher, faz tudo o que quiser

Quinta-feira (26), no [Instagram](#) e [Facebook](#) do Centro Cultural Bom Jardim

UM PROJETO BASEADO NA SUSTENTABILIDADE.

TEATRO



A arte que vai à rua

Na sexta (10), a partir das 17h, a Praça do Ferreira será palco da peça “Final da tarde”, do grupo Teatro de Caretas

O espaço urbano é marcado pela contradição que envolve elementos não apenas de pedra e cal, mas também simbólicos, suscitando sentimentos, muitas vezes, ambíguos. Pode oscilar entre amor, pertencimento, acolhimento, medo e até ódio, canal aberto para a violência, sobretudo ao que parece diferente ou estranho. São as chamadas populações invisíveis.

“Todos somos invisíveis na rua”, admite Vanéssia Gomes, artista do grupo Teatro de Caretas, e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Teatro na Cidade (Asfalto), chamando a atenção justamente para as histórias de anônimos que compõem a paisagem urbana.

Com o objetivo de interferir nessa realidade e abrir a discussão com pesquisadores, artistas e a população, o grupo Teatro de Caretas apresenta nesta sexta (10), às 17h, o espetáculo “Final da tarde”.

A encenação, que será a céu aberto, tendo como palco a Praça do Ferreira, tem o propósito de “aproximar a ficção da realidade”, explica a atriz, que usa as artes cênicas para criar um conteúdo no espaço aberto. Dessa maneira, resgata um dos prin-



Espectáculo “Final da Tarde”, do Grupo Teatro de Caretas: a proposta é “aproximar a ficção da realidade” no tema do espaço urbano como lugar de conflitos não apenas concretos, mas simbólicos. Apresentação acontece na Praça do Ferreira

cipais papéis da arte, que é promover uma intervenção no tecido social.

Palestra

No sábado (11), às 15h, o diretor de “Final da tarde”, professor e pesquisador da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) André Carreira proferirá a palestra: “Risco e atuação: Ética na cena contemporânea”. Ao todo, são oferecidas 70 vagas.

A conversa acontecerá no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB) e pretende discutir o papel dos atores e atrizes na construção de um fazer teatral mais atuante no contex-

to urbano. A proposta do núcleo de estudos Asfalto é propiciar a abertura de um novo olhar sobre a cidade. A atriz considera bastante oportuno promover uma reflexão abrangente em torno do tema, em especial, na contemporaneidade. Ou seja, sem perder de vista o contexto da violência e do anonimato.

O espetáculo enfoca a violência no espaço urbano. Narra o encontro da mãe com o filho travesti, que se encontra em situação de rua, isto é, vive na praça.

A peça é resultado do laboratório de criação teatral da Escola Porto Iracema das Ar-

tes do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), ministrado por André Carreira, que tem um pensamento avançado sobre o fazer teatral na atualidade, reforça.

“Sua ideia propõe um diálogo com a cidade”, arremata Vanéssia Gomes, cujo trabalho do grupo Teatro de Caretas segue caminho semelhante.

O espetáculo se baseia numa experiência diferente de teatro de rua, tanto na relação entre ator e público quanto com a cidade.

O primeiro passo é libertar-se do cenário, associada a uma dramaturgia particular. “A peça propõe uma experiência de atuação cênica baseada no detalhe da interpretação, onde proximidade e intimidade entre transeuntes e atores são os elementos centrais”.

Dubiedade

Na realidade, revela Vanéssia, a peça foi pensada a partir da dubiedade que permeia a concepção de cidade. Além de analisar a situação “de nós nessa cidade e como são esses fluxos e quais os caminhos”.

O espetáculo, que já foi apresentado em São Paulo e no Piauí, em breve, circulará pela região Centro-Oeste, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Segundo a atriz, acaba, indiretamente, remetendo ao caso de Dandara, a travesti morta brutalmente, no último dia 15 de fevereiro. O exemplo denuncia que o espaço urbano

pode ser também violento. Há dois anos, o grupo percorre espaços reais e imaginários com a peça, que mais do que entreter ou possibilitar a fruição de uma obra de arte, instiga a criação de um amplo debate, envolvendo artistas, pesquisadores e público.

Compartilhar

A trajetória do grupo Teatro de Caretas é marcada pela realização de pesquisas e estudos, no sentido de travar diálogos com outras companhias.

O projeto de dramaturgia do grupo materializa-se nas atividades que realiza no casarão localizado na Rua Floriano Peixoto, 1437, no Centro.

Trata-se de sua sede, espaço dividido com as companhias Expressões Humanas, Cia Prisma e Pavilhão da Magnólia. Há quase um ano, os atores exercitam o ato de partilhar conhecimentos.

“Nossa intenção é criar espaços de compartilhamento”, reforça a atriz, que enfatiza a condução de um trabalho para além do palco.

Os encontros do Asfalto serão mensais, sempre com convidados. O primeiro será o pesquisador André Carreira, diretor do grupo (E)xperiência Subterrânea.

A ação acontece em parceria com o CCBNB, Laboratório de produção – Curso Técnico em Produção de Eventos Culturais, Teatro Carlos Câmara – Ocupação Teatro Máquina e Cineteatro São Luiz.

SAIBA MAIS

SEXTA (10)
Apresentação do espetáculo “Final da tarde”, do grupo Teatro de Caretas. Às 17h, na Praça do Ferreira, Centro. Gratuito. facebook.com/grupoteatrodecaretas s?ref=ts&fref=ts

SÁBADO (11)
Palestra do professor e diretor de teatro André Carreira. Às 15h, no CCBNB (Rua Conde D’Eu, 560, Centro). 70 vagas. Inscrições: laboratoriosculturais.com/inscricao/encontros-e-seminarios

ARTES CÊNICAS

A itinerância de Wildysllane

O espetáculo "Final da Tarde", do grupo Teatro de Caretas, estreia hoje (5) temporada no Dragão do Mar

FELIPE GURGEL
Repórter

Baseado na premissa do seu espetáculo "Final da Tarde", o grupo cearense Teatro de Caretas só tem como "combinar" um ponto fixo para se encontrar com o público, a exemplo do que acontece com os blocos de Carnaval de rua. No mais, a movimentação deve tomar de conta do espaço urbano e a encenação não tem lugar certo para terminar.

Estreando hoje temporada no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), o grupo contará a história de Wildysllane da Silva Pereira em uma dinâmica itinerante, partindo da Praça Almirante Saldanha. "Final da Tarde" permanecerá em cartaz todos os sábados de dezembro.

A atriz Vanéssia Gomes, que interpreta Wildysllane, tenta explicar a dinâmica. A sinopse do espetáculo baseia-se num roteiro escrito. No entanto, o espaço físico não é apenas um "pano de fundo", ele está incluso no desenvolvimento da dramaturgia. "É uma técnica chamada 'Teatro de Invasão', do André Carreira (SC). A Praça Almirante Saldanha é o ponto de partida. Você assiste o espetáculo, tendo a sensação de que ele é daquele lugar. O banco da praça, a árvore, as esquinas, nada disso é só um cenário", descreve ela.

Vanéssia conta que o grupo faz uma espécie de "reconhecimento da área" onde o espetáculo vai acontecer. A experiência de realizar "Final da Tarde" em outros espaços públicos, além da praça do CDMAC, ajuda nessa inspeção. Ela considera a Praça dos Leões, no Centro, como a "matriz" dessa investigação.

"A mesma encenação já ocorreu no Terminal (de ônibus) da Parangaba e na (avenida) Duque de Caixas, locais com grande fluxo de pessoas em Fortaleza. Fizemos também em outros estados: Sorocaba (SP), Teresina (PI). E quando a gente chega numa cidade nova, observamos matrizes para saber de onde partir", situa a atriz.

Sinopse e horário

"Final da Tarde", embora fique "à mercê" de todas as surpresas de um espetáculo encenado na rua, tem um mote inicial: o enredo apresenta Wildysllane da Silva Pereira (Vanéssia Gomes), filha de Dalila (Vera Araújo). Uma moça simples, negra, analfabeta, e residente no bairro Jereissati II, em Pacatuba (CE).

Segundo a crítica de Danilo Castro, jornalista e ator cearense, a personagem talvez se chamasse "Wildysllane" por conta do sentimento de urgência da mãe para que a filha fosse "alguém" mais imponente na vida, a começar pelo nome de batismo.

Na dinâmica de "Final da Tarde", até o horário da apresentação faz diferença e torna-se elemento cênico. "Acontece às 17 horas, porque a gente utiliza o pôr do sol no espetáculo. Se for numa cidade onde o sol se põe mais tarde, encenamos a partir das 18h. É diferente do teatro tradicional: a gente não utiliza luz (artificial), nem som. Usamos o trânsito (da rua) como um dos elementos de cena. São cenas cotidianas", observa Vanéssia.

A atriz comenta que a apropriação de quaisquer elementos do espaço público, em cena, faz parte de uma aproxima-



Integrantes do Teatro de Caretas, em cena no espetáculo "Final da Tarde": palco é rua. FOTO: F. LEAL/Div.

ção proposital entre o real e a ficção. "É uma extensão do cotidiano. A pessoa vai percebendo (com o decorrer da peça) que é teatro. Mas, imediatamente, há dúvida (se é ou não é teatro)", diz.

Teatro de rua

Atuando com teatro de rua desde 1998, a partir de "Final da Tarde" o Teatro de Caretas oferece uma proposta diferente de outros espetáculos do gênero, que apresentam um formato mais fechado. Vanéssia Gomes coloca alguns dos princípios da atuação. "Um deles é que a gente trabalha com o fato de as pessoas não serem

avisadas: o fluxo delas é interrompido, é um público que não está marcado (para estar ali)", explica a atriz.

Ela complementa: "outro elemento importante é que o público se organiza de um modo completamente diferente na rua. Nossa posição faz com que as pessoas cheguem perto, aproximem-se mesmo. Na rua, o público tem total liberdade de intervir ou de sair. Ninguém fica para assistir um espetáculo de rua, se não gostar", distingue Vanéssia.

Questionada se o público "casual" já relutou em participar de "Final da Tarde" alguma vez (como acontece, às ve-

zes, com o teatro fechado), a atriz garante que não. "Esse espetáculo acaba despertando uma simpatia natural. É algo muito afetivo, íntimo, acolhedor. A pessoa para (pra assistir) porque tem desejo de estar ali. É um convite à aproximação", conclui.

Mais informações:

Temporada do espetáculo "Final da Tarde", do Grupo Teatro de Caretas. Todos os sábados de dezembro (5, 12, 19 e 26), às 17h, na Praça Almirante Saldanha do CDMAC (R. Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema). Acesso gratuito. Contato: (85) 3488.8600

É...

NENO CAVALCANTE
neno@diariodonordeste.com.br



Pergunta simples: qualé?

■ O projeto da meta fiscal foi aprovado no Senado bem dizer concomitante à decisão do chantagista Eduardo Cunha de aceitar o pedido de impeachment. Só quero saber por qual razão alguns setores (não todos) da mídia atribuem a reação favorável do mercado ao ato do

presidente da Câmara (ainda inexplicavelmente no cargo) e não à decisão do Congresso Nacional favorável ao governo, desejo de variados setores da sociedade, inclusive de forma manifesta de entidades empresariais. Não, não precisa explicar. Eu só queria en...tender.

coloque no lixo todo objeto não utilizado que possa acumular água



Alhos & bugalhos

■ Pelo que consegui entender de antemão para hoje, para setores asquerosos e gosmentos da oposição (há na oposição, em contraponto, gente correta, preocupada com o País), chantagem e decisão técnica são tudo a mesma coisa.

Por que só...

■ A Câmara e o Senado funcionam para valer "de mesmo" apenas na terça-feira e na quarta, ficando o resto da semana para os deslocamentos às bases. É justo ressaltar os que nunca fazem feio, o senador Paulo Paim, por exemplo.



"Natal de Rua"

■ Iniciativa nobre dos paulistanos Gabriel Moraes e Rodrigo de Castro espalhou árvores de Natal pela cidade onde moram para que sejam colocados presentes natalinos aos moradores de rua. É tipo de gesto que os faz acreditar em um mundo melhor e mais justo. E que a humanidade não é de todo irrecuperável.

...Agora?

■ Por isso, só posso ter como crítica o gesto de alguns parlamentares que, de olho grande no afastamento da presidente Dilma Rousseff, estão agora defendendo a suspensão do receso deste fim de ano e começo de 2016. A quem eles pensam enganar?

Muito curioso

■ Alguns setores da oposição (não todos, como gosto sempre de frisar) querem tirar a Dilma, contra quem não pesa nem mesmo acusação, para colocar o vice Michel Temer, citado por delatores da Operação Lava Jato. O que há por trás disso?

“A má informação é mais desesperadora que a não-informação”

CHARLES CALEB COLTON
Clérigo escritor inglês



Sobremesa

o professor e jornalista Ronaldo Salgado falará sobre "Comunicação e Democracia" logo mais, no Bistrô da Bárbara (Rua Bárbara de Alencar, 1355), no lançamento do jornal "Papel de Esquerda". Início às sete da noite.

Excelente pedida para a noite de hoje, partir das nove, no Teatro Celina Queiroz, da Unifor, (amplo estacionamento) é o lançamento do CD/DVD Concerto Para Moviola, do pianista, compositor e arranjador Ricardo Bacelar, que terá no palco companhias do melhor nível.

Acompanhe os comentários em <http://svmar.es/neno-cavakante> tvdn

2015 – Matéria sobre espetáculo FINAL DA TARDE em temporada

Divirta-se | TEATRO Vila Mosquito: Pinguaba e

SHOWS | LAZER | TEATRO | FESTAS | INFANTIL | EXPOSIÇÕES E EVENTOS | COMES E BEB

ASSINE | EMPREGOS E CARREIRAS | VIDEOS | REVISTAS | MOBILE | ACERVO | FALE COM A GENTE | O POVO CHAT

"NAS RUAS DO DRAGÃO" 03/12/2015 - 13h32

Teatro de Caretas entra em cartaz com a peça "Final de Tarde"

f | | G+

NOTICIA | 0 COMENTÁRIOS 🔍 | A* | A*

DOI COELHO DIVULGAÇÃO



Em temporada aos sábados do mês, o grupo Teatro de Caretas coloca em cena a história de uma mãe, seu filho e seu marido no dia a dia de Fortaleza. A montagem baseia-se numa experiência diferente de teatro de rua, tanto na relação entre ator e público como na relação com a cidade.

SERVIÇO

Final de Tarde.

Quando: aos sábados de dezembro, sempre às 17h.

Onde: praça Almirante Saldanha do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (rua Dragão do Mar, 81 - Praia de Iracema).

Gratuito.

Telefone: 9 9621 9191.

"NAS RUAS DO DRAGÃO"
Teatro de Caretas entra em cartaz com a peça "Final de Tarde"
🗨️ (0)

SESC-EMILIANO QUEIROZ
Projeto "Quarta do Riso" apresenta nova temporada
🗨️ (0)

DANÇA
Espetáculo "Corpo Intruso" no Carlos Câmara e CUCA
🗨️ (0)

2015 – Vanéssia Gomes foi entrevistada para o livro sobre Teatro de Danilo Castro. Neste mesmo livro foram entrevistados Sergio de Carvalho (Cia do Latão), Teatro Máquina e Expressões Humanas.

ARTES CÊNICAS

Obra investiga teatro cearense

"Do teatro que temos ao teatro que queremos" foi publicado com financiamento coletivo e será lançado hoje

De pernas para o ar, um ator em cena no espetáculo "Leonce e Lena", do Teatro Máquina, convida a uma inversão no jeito de ler teatro. É ele quem aparece na capa do livro "Do teatro que temos ao teatro que queremos", de Danilo Castro, em duas posições distintas – como numa dança que força um movimento circular. A diagramação coloca cada parte invertida em relação à outra.

Ator com formação na área, Danilo optou por unir suas duas paixões: a arte e o jornalismo. Ao escolher falar da cena teatral cearense, escreveu sobre o que está fora, mas também o que está dentro. "Falo sobre o fazer artístico de maneira profissional, mas não tem como não falar de mim. Não é um olhar distanciado, mas completamente embebido do meu fazer".

Teatro de grupo

O autor lança seu olhar sobre uma forma de fazer teatro cada vez mais forte no Ceará: o de grupo. Ao traçar os perfis de três coletivos locais – Grupo Expressões Humanas, Bagaceira de Teatro e Teatro Máquina –, Danilo descortina parte de "Do teatro que temos", e traça um histórico da produção teatral desde a década de 1990 até hoje.



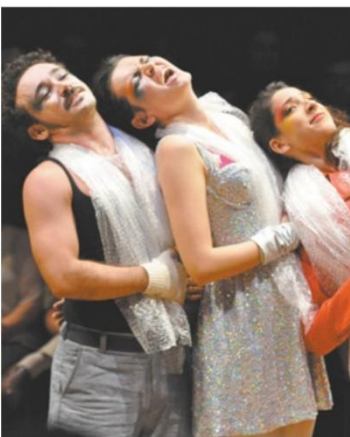
Grupos Expressões Humanas e Teatro Máquina, que compõem o recorte do livro junto com o grupo Bagaceira: olhares múltiplos. FOTOS: DAVILAZAR/ DIVULGAÇÃO

Heré Aquino, diretor do Expressões Humanas, ressalta a importância do registro. "Existe uma carência, tem pouca coisa escrita. Precisamos do registro desse teatro de continuidade, teatro de pesquisa, do que se produz aqui", destaca.

Mergulhado no universo do teatro de grupo, Danilo percebe que é necessário uma nova visão sobre o trabalho realizado. "O livro estava com um olhar muito meu. Então resolvi conversar com grandes no-

mes que estão fazendo teatro de grupo. Aí veio esse novo olhar: o meu contando a história e o deles falando de teatro", explica.

Assim nasce a parte "Ao teatro que queremos", na qual o autor busca artistas para trazer uma nova visão para o livro. Danilo entrevista três diretores – Vanéssia Gomes, do Teatro de Caretas (CE), Fernando Yamamoto, do Clowns de Shakespeare (RN) e Sérgio de Carvalho, da Cia. do Latão



(SP). Por meio deles, constrói falas de alcance local, regional e nacional, nessa ordem, sobre o teatro e seus diversos aspectos. A proposta é lançar críticas e sugestões às políticas públicas do setor.

Financiamento coletivo

Em fevereiro deste ano, Danilo iniciou uma campanha no site de financiamento coletivo Catarse, em busca de apoio do público para publicar o livro – inicialmente seu trabalho de

conclusão no curso de Jornalismo na UFCE. A meta era arrecadar R\$ 5 mil. Pouco mais de um mês depois, conseguiu R\$ 7 mil. Os apoios vieram de 13 estados do Brasil, além da Espanha e Argentina. Para o ator, a arrecadação demonstra que o público quer consumir produtos culturais. "Existe gente interessada em cultura e que financia diretamente", afirma. Danilo também comemora o fato de não precisar mais submeter o conteúdo a



Do teatro que temos ao teatro que queremos

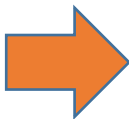
Danilo Castro

EXPRESSÃO GRÁFICA EDITORA
2015, 104 páginas
R\$ 30

outros mecanismos de publicação. "O livro tem um teor crítico muito forte. Nem todo mundo compraria a ideia numa editora ou em um edital. Quando você vai direto ao público, não precisa se tolar", explica. Por conta dessa orientação, a obra foi recebida com entusiasmo pelos grupos retratados. "Ficamos super honrados de participar. É uma forma de contar a nossa história de outra forma, não só através dos espetáculos", comenta Fran Teixeira, do Teatro Máquina.

Mais informações

Lançamento do livro "Do teatro que temos ao teatro que queremos": Hoje, às 19h, na Casa de Esquina (R. João Lobo Filho, 92, Bairro de Fátima), Conlato (85) 3472.2131



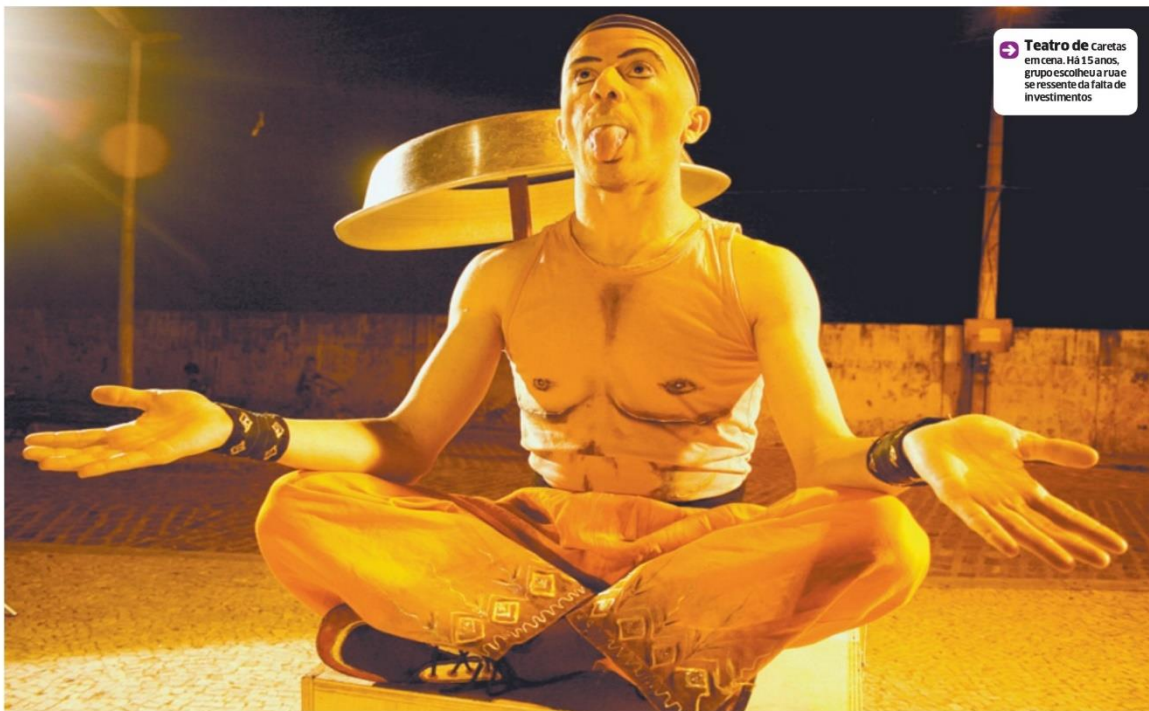
2014 Divulgação de sua participação em Aula espetáculo sobre pesquisa de teatro e manifestações tradicionais

The screenshot shows the website 'Jornal de Hoje' with a 'RADAR' section. The main article is titled 'Oswald Barroso' and is dated 31/01/2014. The article text reads: 'Oswald Barroso encerrou a programação de janeiro do Espaço O POVO de Cultura & Arte, na noite de ontem. Durante o projeto Ensaio de Cena, o poeta, jornalista e teatrólogo apresentou a aula-espetáculo "O Riso Brincante dos Reisados", que contou com a participação da atriz Vanéssia Gomes. Em seguida, autografou o livro "Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas", da editora Armazém da Cultura. Atualmente, Barroso é pós-doutorando no curso de Teatro da UniRio sobre as máscaras brincantes do Nordeste. A programação do Espaço será retomada no dia 7 de fevereiro, com o Café-Clube de Leitura.'

The sidebar contains several items: 'DIVIRTA-SE' with an 'ENQUETE Enquete Paredão BBB14: Junior, Aline ou Vanessa?'; 'APÓS VOTAÇÃO Vanessa detona Letícia dizendo que ela é cansativa e periguetê'; 'SENADO Inácio diz estar na "luta" por candidatura a reeleição'; 'LUTO Morre publicitário Orlando Mota'; and advertisements for 'Assine Já', 'Verão', 'Apartamentos 2 Qtos Mensais a partir de R\$ 199', 'opovo.com.br/acervo', and 'Novo'.

CONCEITOS

Uma tentativa de desmitificar a arte mambembe



Teatro de caretas em cena. Há 15 anos, grupo escolheu a rua e se ressentiu da falta de investimentos

Vanéssia Gomes, do Teatro de Caretas, questiona preconceitos, como a ligação da rua com a nordestinidade

Não pela falta de esforço de alguns pesquisadores, mas talvez pela forte ligação com a oralidade e não com o registro formal (ou até por uma importância menor que recai sobre o gênero), muito do teatro de rua continua envolto em mistério.

A verdade é que, no Brasil, discute-se pouco sobre este teatro, cujas distinções vão muito além de uma simples escolha do tipo de palco.

Em poucos meses, por exemplo, os principais palcos de Fortaleza devem entrar em reforma – caso do Theatro José de Alencar e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o que agrava o problema de pautas já existente na cidade, mesmo com o perfeito funcionamento destes. Este fato, no entanto, de acordo com a atriz e pesquisadora Vanéssia Gomes, do Grupo Teatro de Caretas, não seria o suficiente para atrair companhias ao teatro de rua.

“Antigamente, talvez. Mas atualmente, ninguém vai pra rua assim, de forma leviana. A escolha pela rua é muito política e não mais apenas uma questão de espaço. Se o grupo se alinha ao palco, ele vai encontrar espaços alternativos para seguir fazendo o seu teatro”, defende a pesquisadora.

Segundo Vanéssia, há 15 anos, o Teatro de Caretas encontrou na rua a resposta para o que pesquisavam. Parecia uma decisão da não qual se podia fugir. “No início, junto com Oswald Barroso, fazíamos investigações de manifestações populares: reisado, maracatus...”. Al pesquisávamos e depois nos apresentávamos em espaços fechados. Aquilo já não fazia sentido. Porque a matriz do nosso trabalho era realizada em espaços abertos”, detalha.

A atriz, no entanto, acrescenta ao debate um dado importante, o primeiro a se tentar desmitificar: existem muito mais possibilidades entre a dicotomia palco e rua. “O Pavilhão da Magnólia, por exemplo. Tem uma sede, que é o teatro universitário. Mas estão fazendo uma reforma na plateia e então o público é levado para cima do palco. E mesmo quando a estrutura está perfeita, ultimamente, muitos grupos estão optando por trazer os espectadores para perto, para cima do palco. Talvez o palco italiano, como conhecemos, esteja caindo em um certo desuso”, pontua.

Identidade

Outro conceito que merece ser repensado é a identidade do teatro de rua. “Existem diversos caminhos para se fazer teatro na rua. Desde o século XIX se pensam novas formas de espacialidade, mas, na prática, acho que isso se tornou mais palpável a alguns anos”, afirma Vanéssia.

Segundo a atriz, o ator e pesquisador Joca Andreazza chegou a estabelecer as vertentes que surgiram pra um teatro de rua. “Existem os grupos com traços nordestinos; existem os clowns, mais voltados para a palhaçaria e os urbanos, mais próximos das performances. Contudo, essas vertentes podem estar e estão um tanto misturadas”, afirma.

Assim, nem sempre o teatro de rua brasileiro está relacionado à nordestinidade. “No nosso caso, o mais importante para o Teatro de Caretas é perceber a ancestralidade dos códigos da tradição nordestina e notar que eles são universais. Tem muitos grupos de São Paulo e do Rio que vem pra cá para aprender, para estudar esses códigos. Então é preciso sair da superficialidade”, defende. O que Vanéssia entende por superficialidade, perpassa a ideia de que todo teatro na rua precisa ter ator com roupa de estopa, com dente pintado ou falando errado.

A visão de que o teatro de rua é mais politizado e marginal, para a pesquisadora, vem



não apenas de um contexto histórico e social, mas também de uma questão prática: “Não se pode dizer tudo na rua. Nisso, é bem diferente de estar em um teatro fechado. Nós estamos ali interrompendo fluxos. Mexendo com a vida das pessoas quando elas menos esperam”, releite. As dificuldades de se quantificar e analisar o público desse estilo é apenas um dos problemas inerentes ao fazer teatral na rua. “O mais importante ago-

ra é que o teatro de rua tem que ser visto. É uma arte que está aí há anos e que tem a mesma carga simbólica que as outras expressões possuem. Atualmente, quando tem um edital público, você vê que o cachê de palco é maior que o cachê de rua. E se esquece que passamos pelos mesmos estudos, pelos mesmos teóricos... A rua é uma decisão estética, política, filosófica. É o que queremos fazer”, pontua. (MA)

ARTES CÊNICAS

Tradição encaretada no Cuca Che Guevara

Integrando o Palco Giratório, o cearense Teatro de Caretas apresenta, hoje, seu cortejo de brincantes

IRACEMA SALES
Repórter

Fruito de minuciosa pesquisa realizada a partir de viagens por alguns estados nordestinos como Pernambuco, Rio Grande do Norte e os municípios cearenses de Canindé, Jardim, na região do Cariri, e Guaramiranga, o espetáculo "O cortejo de caretas", que será apresentado logo mais, às 19h, no Centro Urbano de Cultura, Artes, Ciência e Esporte (Cuca) Che Guevara, na Barra do Ceará, promete encantar os presentes com música, interpretação, comicidade e o colorido das máscaras.

A apresentação é do grupo cearense Teatro de Caretas e integra a programação local do Palco Giratório, projeto do Serviço Social do Comércio (Sesc) que acontece até o dia 30 deste mês. As manifestações tradicionais populares e das ruas constituem os principais elementos para a construção da arte do grupo, há 15 anos na estrada, formada por sete integrantes.

O principal objetivo do trabalho é investigar as festas populares, em especial, os reisados,



"Cortejo de Caretas" é um dos nove grupos locais que integram o Palco Giratório deste ano

manifestações nas quais os brincantes usam máscaras. O espetáculo trabalha com metáforas, tentando ressaltar a relação do

homem com a natureza, com a comunidade e consigo mesmo, sem perder de vista os elementos sobrenaturais, que ganham

vida nas festas, baseadas no imaginário. Os sete atores em cena, materializam essa relação através de danças, máscaras e cenas cômicas, marcadas pelo improviso, fazendo com que o público seja transportado para as brincadeiras de um terreiro popular.

A representação é baseada em pesquisa e na troca de vivências com as comunidades estudadas, sendo estendidas ao público.

Intercâmbio

Uma arte que tem como fonte de inspiração as manifestações artísticas construídas com elementos tirados das ruas ou da cultura popular, assim pode ser definido o processo de criação do grupo Teatro de Caretas, que busca no cotidiano dos artistas de ruas fonte para suas pesquisas. Nas ruas, elas ganham conotação de espetáculo pelo uso de máscaras, figurinos e adereços coloridos que transformam pessoas comuns em artistas, em determinadas datas do ano, a exemplo da festa dos Caretas, realizadas durante a Semana Santa, no município de Jardim, no Cariri.

"A gente esteve lá por ocasião da festa quando toda a comunidade usa máscaras", explica Vanéssia Gomes, coordenadora artística do grupo. O espetáculo "Cortejo de caretas" é uma demonstração da força das manifestações artísticas impulsionadas pelas pessoas comuns, que guardam no imaginário esses festejos, que vão sendo repassadas às novas gerações. Além de promover uma reflexão sobre a performance do ator de rua.

A construção da arte do Teatro de Caretas tem como base "a pesquisa sobre as manifestações populares como reisados e maracatus", assinala Vanéssia Gomes, explicando que essa forma de criação foi usada para a elaboração de diversos espetáculos do grupo. Gita a realização de pesquisa com artistas de ruas, enfatizando a importância de promover o diálogo com as comunidades visitadas.

Para realizar o "Cortejo de caretas", o grupo visitou os estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e os municípios de Canindé, Jardim e Guaramiranga, no Ceará. Está incluída também na pesquisa, o estudo da performance do ator de rua, destaca Vanéssia Gomes, afirmando que em ca-

FIQUE POR DENTRO

Há 16 anos, companhias giram pelo País

Até o dia 30 de abril, companhias de teatro, dança e animação de todo o Brasil realizam apresentações em Fortaleza. São 16 grupos nacionais e nove locais que compõem a programação da 16ª edição do Palco Giratório, que tem o objetivo de democratizar o acesso às artes cênicas e fomentar a formação de plateia, promovendo um grande intercâmbio cultural. Criado pelo Departamento Nacional do Sesc, o Palco Giratório é um projeto cultural, que percorre o País desde 1998, e visa aproximar a arte das pessoas, misturando apresentações locais e nacionais. O circuito, que teve início no mês de março, em São Paulo, ficará encerrado em novembro durante a Mostra Sesc Cariri de Culturas, no Ceará. Em Fortaleza, as apresentações acontecem no Teatro Sesc Emiliano Queiroz, no Teatro Sesc Senac Iracema, na Escola Educac Sesc, no Mercado São Sebastião e no CUCA

da local existe uma troca artística com as pessoas. Assim como acontece também por ocasião das apresentações do Palco Giratório, quando grupos fazem essa troca, citando o Núcleo As de Paus, grupo de Londrina, que trocará experiência com o Teatro de Caretas, no domingo. Os integrantes do grupo falarão sobre seus programas de pesquisa, com enfoque no teatro de rua.

Vanéssia considera fundamental o trabalho de pesquisa para a criação dos espetáculos do grupo, sobretudo pelo intercâmbio artístico entre atores e comunidades visitadas. Fala sobre essas experiências, como as vivenciadas em Canindé, onde visitaram a localidade de Ipuera das Vacas, palco de tradicional reisado há cerca de meio século. Em Pernambuco, entrou em contato com a tradicional festa Cavalo Maranhão, um congado. No Maranhão, os atores conheceram as "Cazumbas", festas de máscaras do mestre Abel Teixeira, além do reisado de Guaramiranga. "Nosso processo criativo acontece dessa forma, a partir de pesquisa", reitera Vané-

sia Gomes, destacando a relação estreita do grupo com o teatro de rua.

Conforme a diretora, o espetáculo buscou inspiração nas manifestações tradicionais populares que trazem as figuras mascaradas, encaretadas. A pesquisa foi realizada por pesquisadores que tem como ponto de partida a imagem.

Os atores entraram em contato com os mestres das manifestações nos locais onde atual, sendo realizadas oficinas de máscaras e de dança. "Cada experiência dessas trouxe um manancial de elementos que compõe o espetáculo", diz. Ela destaca, ainda, os figurinos, as máscaras, os adereços, os textos fixos ou de improviso, as danças, as escolhas pelas movimentações, a dramaturgia e a construção cênicas. A pesquisa contou com a orientação do pesquisador e teatrólogo, Oswald Barroso.

A atriz fala sobre o uso das máscaras: "Compreendemos que as máscaras acompanham os seres humanos desde suas mais remotas origens. Nos rituais das religiões populares elas se apresentam como faces visíveis dos deuses, portais de abertura para o sagrado, filtros para a incorporação do divino".

Nos rituais festivos dos povos, como as festas e folguedos, explica que as máscaras são ainda móveis de encantamento, veículos de incorporação de arquétipos e figuras, tipos humanos, bichos e entidades fantásticas. Nos espetáculos teatrais são elas que introduzem as pessoas, o objeto a partir do qual se define a natureza da personagem, seu caráter e suas ações.

"Particularmente no teatro de rua e terreiro, as máscaras são indispensáveis, pois dilatam as figuras em cena, fixam suas características, ampliam seus gestos e expandem suas presenças".

Mais informações:

Espectáculo "O Cortejo de Caretas", do grupo cearense Teatro de Caretas, hoje quinta, às 19h, no Cuca Che Guevara, Avenida Presidente Castelo Branco, 6.417, Barra do Ceará, entrada gratuita. Contato: (85) 3237-4688



Entretenimento e lazer vistos pelo melhor ângulo.

De segunda a sexta, às 23h30.

E agora aos domingos, às 23h45.

MUST ENTREVISTA, com Walney Haidar e Wladya Haidar.

Cobertura de eventos
Entrevistas - Variedades
Sociedade - Moda - Cultura - Lazer
Materiais informativos - E muito mais!
tvmost18.tv.br
haidar@programamust.com.br

M18
O MUST AGORA É MAIOR!
@mustomhaidar

TV DIÁRIO
TV DO NORDESTE
CEARÁ - BRASIL

bs tv
BRASÍLIA - GUARAPETINS
PERNAMBUCO

507611

Caderno 3

diariodonordeste.com.br/caderno3

SHOW

Paul na
Arena
Castelão?
P.3

EDITAL

Ocupação
dos CCBNBs
do CE e PB
P.6

TEATRO

Caretas
retiradas
do baú

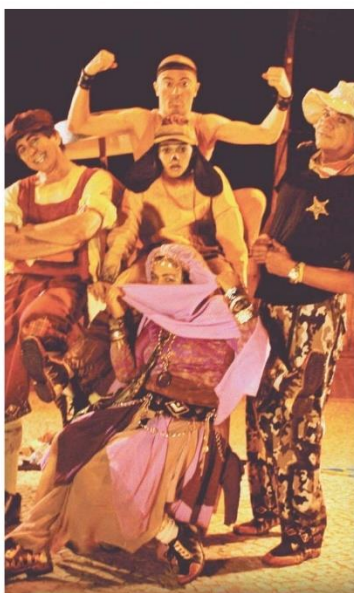
Teatro de Caretas
reapresenta, nos dias 8 e
15 deste mês, duas das
principais obras de seu
repertório

MAYARA DE ARAÚJO
Repórter

Em 15 anos dedicados ao teatro de rua, o grupo Teatro de Caretas construiu uma estética própria e, aliando-se a Rede Brasileira de Teatro de Rua, percorreu o Brasil. Juntamente com Clowns de Shakespeare (RN), Vilavox (BA) e Sertão Teatro (PB), a companhia foi escolhida para compor a programação da TV SESC nacional, em um programa dirigido pelo pesquisador de teatro Sebastião Millaré sobre "A Tradição da Rua no Novo Teatro Nordestino".

Neste mês, Caretas decidiu revirar o abarrotado baú de trabalhos, na tentativa de organizá-lo. Assim, reapresenta duas das principais obras de seu repertório: "A Farsa do Pão e Circo" nos dias 8 e 15 de fevereiro, na calçada do Teatro José de Alencar, sempre às 17h; e "A Casa da Mãe Joana", no Cuca da Barra, às 15h.

"A Farsa do Pão e Circo" é baseada em uma extensa pesquisa sobre artistas de rua, promovida ao longo da vivência do grupo com vendedores, malabaristas, cantores, palhaços,



Cenas de "A Farsa do Pão e Circo", espetáculo que será reapresentado hoje e 15, na calçada do Teatro José de Alencar. FOTOS: ALEX HERMES / DIVULGAÇÃO

emboladores e outros tantos trabalhadores das ruas, com os quais compartilham o espaço público. "Montamos algumas cenas, baseadas em nosso cotidiano, e convidamos um dramaturgo para escrever os textos", afirma Vanéssia Gomes, representante do núcleo artístico do grupo.

Segundo Vanéssia, o espetáculo é dividido em dois atos. No primeiro, apresentam-se os artistas, seu trabalho, sua rotina, suas estripulias. No segundo, no entanto, revelam-se as pequenas corrupções do dia a dia, a hierarquia e os abusos de poder. "Tudo isso é mostrado de uma forma farsesca, engraçada. A ideia é fazer rir com ironia", acrescenta.

Já "A Casa da Mãe Joana" foi montado pela primeira vez em 2002 e permaneceu em cartaz até 2004. "Depois desse período paramos de executá-lo, mas temos muito afeto por ele porque trata do enfrentamento à violência sexual de crianças e adolescentes", explica Vanéssia. Este texto nasceu sobretudo do diálogo aproximado com instituições como o Cedeca (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente).

A reestrela dos dois espetáculos faz parte de um processo de releitura da memória da companhia, que pretende, entre outros, registrá-la em livro. "Para isso, estamos promovendo uma espécie de abertura de processo. Estamos chamando outros grupos da cidade para assistir os ensaios, ler os textos conosco. Um deles é o Teatro Máquina, que é nosso parceiro há um tempo", detalha Vanéssia.

Identidade

Boa parte dos gêneros teatrais absorvem características de seus lugares de origem. A bufonaria, por exemplo, apesar de se tratar de uma arte milenar, capta da sua região de nascimento roupas, expressões, gestos e posturas. Com o teatro de rua não é diferente.

"Na primeira vez que saí-



mos de Fortaleza com A Farsa do Pão e Circo ficamos um tanto preocupados, porque usamos nesse espetáculo expressões muito nossas, cearenses. E a plateia, pra nossa surpresa, reagiu super bem, entendeu a nossa ideia. O fato é que cada região tem suas peculiaridades, mas acho que compomos hoje um teatro de rua brasileiro", opina Vanéssia.

Para ela, antes, via-se o teatro de rua como um gênero estritamente popularesco. "Um teatro de roda, feito por atores com rosto branco pintado. Era assim que se via. Hoje, já não é tão engessado. A linguagem da rua percorre, atualmente, formas estéticas muito diversas", completa. Em muitos anos, as pesquisas sobre teatro de rua avançaram e, aliás, os elementos da tradição

nordestina que, por anos, foram objeto de negação por algumas companhias da região, atualmente voltam a ter o reconhecimento que merecem. "A gente tem no nordeste elementos muito valiosos e não são poucos os grupos de fora, do Sudeste, por exemplo, montando espetáculos daqui. Temos que nos voltar, sim, para essas particularidades populares centenas e agregar essa riqueza ao nosso modo de fazer teatro: reizado, boi, maracatu, manero pau", defende.

Mais informações:

Espectáculos do grupo Teatro de Caretas: "A Farsa do Pão e Circo" dias 8 e 15 de fevereiro, na calçada do Teatro José de Alencar, às 17h; e "A Casa da Mãe Joana", no Cuca da Barra, às 15h. Gratuito.

Entrevista com Vanéssia Gomes sobre temporada com espetáculo CORTEJO DE CARETAS Diretora e atriz no espetáculo

TEATRO



Em sequência imagens de "A farsa do pão e circo" e "Cortejo de caretas". Os dois espetáculos tiveram suas pesquisas contempladas com o prêmio Myrian Muniz, nos anos de 2007 e 2009

Arte nas ruas e praças

◉ O grupo cearense Teatro de Caretas entra em temporada com dois espetáculos diferentes: "Cortejo de caretas" e "A farsa do pão e circo"

ANA CECÍLIA SOARES
Repórter

Com uma trajetória de mais de dez anos de atividades, o Grupo Teatro de Caretas vem trazendo alegria e reflexão para as praças e as ruas de Fortaleza, assim como para outras cidades do Nordeste brasileiro. Com forte atuação cultural e política, a companhia cearense busca inspiração para seus espetáculos teatrais nas manifestações tradicionais populares, sem deixar de dialogar com o questões e espaços urbanos.

"Nós fazíamos parte de um grupo de brincantes do Teatro Boca Rica. Foi quando tivemos a ideia de criar um grupo de teatro de rua. Ao longo desses anos, sempre fizemos espetáculos com textos autorais. Também embasamos algumas das apresentações na improvisação e no diálogo com a plateia", explica a atriz e integrante do grupo, Vanéssia Gomes.



◉ O GRUPO Teatro de Caretas tem mais de dez anos de atuação, com pesquisa na tradição performática dos caretas. FOTOS ALEX HERMES

plifica a atriz e integrante do grupo, Vanéssia Gomes.

Pesquisa

A companhia cearense se encontra atualmente em temporada na cidade. Dividindo-se na concepção de dois espetáculos:

"Cortejo de Caretas" e "A farsa do pão e circo". O primeiro deles é resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo grupo, no ano passado, cujo interesse estava em analisar as máscaras teatrais e a performance do ator na rua. "Para a pesquisa analisamos,

dentre outros, o Reisado de Ipueira da Vaca, realizado num assentamento rural em Canindé. Ele é um dos poucos que resguarda todos os procedimentos, quadros, a performance e a música presentes nas mais manifestações mais antigas. Depois,

viamos para o município de Jardim (CE), Rio Grande do Norte, Pernambuco, Maranhão, e retornamos ao Ceará, com uma visita ao Mestre Vicente Chagas com a tradição do Boi, em Guaramiranga", diz. O cortejo de caretas parte da

estrutura tradicional dos reisados e manifestações que comportam a máscara em suas brincadeiras. O espetáculo, será realizado hoje, às 17 horas, na Praça José de Alencar, e dia 30, na praça Murilo Borges. Ele traz uma sucessão de quadros com figuras que se revezam em peripécias típicas aos encaretados.

Em "A farsa do pão e circo", o tema apresentado é outro. Trata-se de uma crônica contemporânea de nossas pequenas corrupções. Nela, cada um dos personagens busca com suas artimanhas conquistar o coração e o dinheiro da plateia.

O espetáculo integra a programação do Projeto Circo de todas as artes, durante os meses de setembro, novembro e dezembro. A próxima apresentação acontece neste domingo, às 17 horas, no Circo Escola do Conjunto Palmeiras. ◉

MAIS INFORMAÇÕES

◉ APRESENTAÇÕES do Grupo Teatro de Caretas. Espetáculos Cortejo de Caretas, hoje, às 17 horas, na Praça José de Alencar, Centro. Dia 30, na praça Murilo Borges, Centro, no mesmo horário. "A farsa do pão e circo", no Circo Escola do Conjunto Palmeiras (Av. Castello de Castro, 2100), domingo, às 17 horas.



2005 Entrevista para revista sobre espetáculo ROMPENDO O SILÊNCIO Diretora e atriz

LA INSIGNIA

<http://www.lainsignia.org/index.html>

Para mudar a realidade, *Caretas*

Joana Moscatelli

Rits. Brasil, agosto de 2005.

Desde 2001, o Grupo de Intervenção Social - Teatro Caretas trabalha com temas ligados a questões sociais, promovendo a reflexão e a mobilização da população da periferia de Fortaleza (CE). Formado por quatro atrizes, a idéia do grupo é fazer do teatro um veículo de transformação social, abordando em seus espetáculos assuntos que tenham a ver com a realidade do público e que o ajude a se mobilizar para mudar e lutar por seus direitos.

Através de pesquisas na área de cultura popular, a iniciativa busca relacionar suas peças com questões sociais e problemas existentes. Os espetáculos são inspirados no trabalho de dramaturgos como Bertold Brecht e Augusto Boal, autores que, apesar de defenderem técnicas teatrais bem diferentes, buscam a conscientização do público acerca de temas ligados ao seu cotidiano. "Assim como Brecht, acreditamos na responsabilidade social do teatro. Trabalhamos com a idéia de um teatro que mobilize as pessoas a atuarem na sua realidade criticamente", explica Vanessia Gomes, uma das atrizes integrantes do grupo.

Além disso, o Teatro Caretas também trabalha muito com o conceito de "Teatro Fórum", de Augusto Boal, apresentando suas peças em praças públicas, associações comunitárias e festivais. Boal é o criador do Teatro do Oprimido, que rompeu com a estética tradicional do teatro e propunha o envolvimento da platéia na cena.

Com isso, o grupo quer levar para áreas pobres peças que tratem de temas ligados ao cotidiano das pessoas e abrir o debate acerca de problemas que as afligem. Após as apresentações, são realizadas oficinas de teatro, circo e percussão. Além disso, são promovidas palestras que buscam aprofundar ainda mais a discussão.

Outra grande fonte de inspiração para o grupo é o educador Paulo Freire. As idéias de educação popular do pedagogo influenciam as atrizes, que buscam em tradições populares, como o reisado e os folguedos, temas para seus espetáculos. Inspiradas na cultura tradicional popular, elas apresentam peças de teatro de rua, aliando arte e política.

Entre as peças que o Grupo já produziu estão "Acorda Zuleica!", que discutia a importância da consciência ambiental, e "E agora, José?", que incentivava a elaboração de políticas públicas para melhorar a condição das pessoas que vivem em áreas de risco. O último espetáculo produzido foi "A casa da mãe Joana", cujo tema era a violência sexual contra crianças e adolescentes. Durante as apresentações, o Teatro Caretas entrou em contato com o Centro de Referência da Mulher de Fortaleza e surgiu a idéia de realizar um espetáculo que tratasse da violência doméstica contra a mulher.

E será justamente este o tema da próxima peça. Ainda em fase de montagem, "Rompendo o Silêncio" conta a história de uma rainha que sofria com a violência do rei e achava que nada poderia fazer para mudar sua realidade até perceber que deveria abandonar o rei. A situação é conhecida e vivida por muitas mulheres brasileiras, e a intenção é fazer com que elas percebam, assim como a personagem, que não devem aceitar serem humilhadas e maltratadas por seus maridos e companheiros.

A estréia está prevista para outubro no bairro de Jangurussu, em Fortaleza. Atualmente, o Grupo está identificando áreas onde os índices de violência contra as mulheres são maiores e realizando contatos com associações, movimentos de mulheres e de luta contra a violência doméstica.

A articulação com movimentos sociais e culturais além de associações comunitárias é fundamental para que o grupo possa identificar questões a serem tratadas em seus espetáculos. As integrantes buscam trabalhar em parceria com movimentos sociais e políticos como o Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social (ISDS) que desenvolve estudos e projetos na área de saúde e desenvolvimento social. Outro parceiro é o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca). E, na área da cultura, trabalham também juntamente com o Teatro José de Alencar, o Teatro da Boca Rica e a Federação do Teatro Amador, todos de Fortaleza (CE).

Recentemente, o grupo ganhou apoio do Fundo Ângela Borba, que financia projetos sociais ligados à melhoria das condições de vida das mulheres. A iniciativa foi uma das ganhadoras do V Concurso do Fundo e passou a receber recursos para a realização de seu espetáculo.

2002 – Matéria sobre o espetáculo VAQUEIROS, direção Oswald Barroso, Vanéssia Gomes, participa como protagonista no espetáculo. Pesquisa sobre o sertão nordestino e a presença das mulheres vaqueiras.

QUINTA-FEIRA

DIÁRIO DO NORDESTE

Fortaleza, Ceará, 14 de março de 2002

caderno 3

em: caderno3@diariodone.com.br

"Vaqueiros"

sobem ao palco

O ELenco DE "Vaqueiros", peça de Oswald Barroso (ao centro), que estreia hoje no TJA

O universo árido do sertão cearense e seu mais destemido e contraditório herói são os destaques da peça "Vaqueiros", em cartaz no Teatro José de Alencar (TJA) de hoje a domingo.

Espectáculo da Cia Boca Rica de Teatro, a produção é resultado de ampla pesquisa etnográfica e videográfica. Herói da colonização cearense, destemido do sertão e personagem implacavelmente avaliado pela fábula nordestina, o vaqueiro e sua índole destemida são retratados no mais novo espetáculo da Associação Educadora Cultural Teatro da Boca Rica. Escrito e dirigido pelo jornalista e pesquisador Oswald Barroso, "Vaqueiros" investiga um pouco da trajetória desse tipo-herói, omeado e despojado, amante da liberdade.

Figura central do chamado ciclo do ouro, o vaqueiro é uma espécie de anti-herói, temido por alguns, glorificado por outros. Sob a sua liderança, em meio à caatinga, se deu a ocupação do interior

em circunstâncias miseráveis. A narrativa resalta a fúria e o ato de perseguição constante, com também os atos de religiosidade do gênero, revelando uma moral ancora no sentido de solidariedade.

Mira é a atriz de Fortaleza, vaqueira fãbrica em situação suspeita. Vestida com o gibão de ouro, lã e lã de corvino, passando a liderar os vaqueiros da região. Elisavete Cavalcanti, rapaz que quem se apaixonou e se casou. Da índole temida a filha Lou, Mãe e memória da primeira mulher permanente viva e pujante, misturando qualquer contradição a harmonia com o novo ciclo de fundação.

O interesse em mostrar o espetáculo, explica Oswald Barroso, surgiu depois que o autor participou de uma série de pesquisas sobre o tema, há três anos, para compilar o livro da Memória da Cultura Popular, editado no Centro Digital de Arte e Cultura. Na ocasião, Barroso, juntamente com uma ampla equipe, desenvolveu seus trabalhos em quatro municípios - Caridade, Canindé, Várzea e Monda Nova. "Foi um mergulho neste universo. Quando decidi escrever esta peça com esta temática, senti-me mais aceso à

desenvolvida pela Secretaria de Cultura e Desporto do Estado (Secult). É autor premiado de 14 textos teatrais e atualmente dirige o Museu da Imagem e do Som de Fortaleza (MIS).

“ FIGURA CENTRAL DO CHAMADO CICLO DO COURO, O VAQUEIRO É UMA ESPÉCIE DE ANTI-HERÓI, TEMIDO POR ALGUNS, GLORIFICADO POR OUTROS. SOB A SUA LIDERANÇA, EM MEIO À CAATINGA, SE DEU A OCUPAÇÃO DO INTERIOR CEARENSE ”

■ Laécio Ricardo - Da Equipe do Caderno 3

SERVIÇO "Vaqueiros" - Espetáculo da Cia Boca Rica de Teatro, em cartaz de 14 a 17 de março, no Teatro José de Alencar. De quinta a sábado, às 21h; no domingo, às 20h. Informações: (85) 252-2308



Dia do Teatro

As peças 'Vou da Sarapalha' (foto) e 'Acorda Zuleika' são os destaques na cidade em comemoração ao Dia do Teatro

Vida & arte

FORTALEZA-CE, QUARTA-FEIRA, 27 de março de 2002

Comemoração



As peças 'Acorda Zuleika', do grupo de teatro Os Caretas, e 'Vou da Sarapalha' (abaixo) são os destaques de hoje

Teatro em vários atos

As comemorações relativas ao Dia Mundial do Teatro tem seu encerramento, hoje, em diferentes locais da cidade. No Teatro José de Alencar, a programação vem sendo realizada há 11 dias e, para esta quarta-feira, as atividades têm início às 18 horas quando a Secretária de Cultura irá lançar o Prêmio Ceará de Incentivo às Artes Cênicas, abetida oficialmente a temporada de 2002 do local. Um

grande cortejo pelas ruas da cidade envolve inúmeros grupos - teatro, maracatu, dança e polifonias. O trajeto será pelas ruas do Centro, saindo do Teatro Sesc Emiliano Queiroz, quando culminará no TJA.

O Prêmio de Incentivo às Artes Cênicas 2001 será entregue e, na ocasião, ainda haverá o lançamento do livro História do Teatro em Ceará. A cerimônia é organizada pelo Núcleo de Incentivo às Artes Cênicas sob a coordenação de Práxis Honória. O homenageado de hoje no TJA é José Carlos Matos. As 18 horas, no entanto, uma chuva de pétalas de rosas irá fazer o desfecho do evento, contando com a participação dos alunos do Curso Princípios Básicos de Teatro, que também tem motivos para celebrar esta comemoração dez anos de atividades. No palco principal, acontece a última apresentação do espetáculo Vou da Sarapalha, do grupo Píffin de Teatro, com a direção do paratiense Luiz Carlos Vasconcelos.

Partindo para o Sesc Emiliano Queiroz, que celebra dois

anos de funcionamento, o destaque do dia é o espetáculo de rua Acorda Zuleika, com o Grupo de Teatro Os Caretas. A apresentação será na praça de eventos do Sesc Fortaleza, ao meio-dia. Para encerrar, o lançamento do projeto do Núcleo de Incentivo às Artes Cênicas, Pesquisa e Produção Teatral e Cenas em Cena. Abertas são a Federação Estadual de Teatro Amador, com a participação do Sindicato das Artes do Estado do Ceará - SATED.

SERVIÇO

Teatro José de Alencar - Praça José de Alencar, 516 - Centro. Ingressos Vou da Sarapalha: R\$ 10,00 (inteiro) e R\$ 5,00 (meio). Nos demais pontos, a entrada é franca. Informações: 252.2324.

Sesc-Fortaleza - Rua Cláudio de Queiroz, 1740 - Centro. Informações: 452.9380. Aberto ao público.

Teatro Sesc Emiliano Queiroz - Avenida Duque de Caxias, 1701 - Centro. Ingressos: 1kg de alimento não-periódico. Info: 452.9000.





VIDA & arte

ESPECIAL
 DIA DA MULHER
**ONDE ELAS
 QUEREM ESTAR**

A convite do Vida&Arte, cinco mulheres cearenses refletem sobre a relação entre o feminino e diferentes linguagens artísticas

Paulo Renato Abreu
 paulorenato@opovo.com.br

Rap, videogame, grafite, teatro de rua e quadrinhos. Diferentes formas de se expressar unidas em uma premissa comum: o lugar da mulher é onde ela quiser estar. Neste 8 de março, o Vida&Arte abre espaço para cinco cearenses que se destacam em várias linguagens. Treta MC foi a primeira mulher a gravar um álbum de rap no Estado, o disco *Liberdade de Pensamento* (2014), que surge com a missão de "detonar o machismo do planeta". Já Jôseca Gomes, a Miss Pingüim, tem mais de 800 mil inscritos em seu canal do YouTube, espaço em que ela comenta sobre jogos de videogame, sua grande paixão.

Com spray à mão, Tereza Dequinta deixa sua marca nas paredes da Cidade. Ela integra o coletivo de arte urbana Acidam e já representou o Estado em diversos festivais de arte urbana. Com amplo currículo artístico e acadêmico, Vanéssia Gomes integra o grupo Te-

atro de Caxetas, que tem a rua como palco. Ela é cineasta social, produtora cultural, educadora e, finalmente, articuladora de arte e cultura da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Já Sirlanney, a Magra de Xaim, é quadrinista e cooptou espaço em grandes jornais e revistas Brasileiras. Destacando temas do universo feminino, ela consegue ser universal. "Me procuram muito no dia das mulheres, mas só lembrando que eu trabalho o ano inteiro, viu?", afirma.

TEREZA E O GRAFITE
 “Os meninos têm mais liberdade de poder brincar à sua vontade, enquanto as meninas ficam em casa brincando de boneca e isso acaba refletido na vivência de cada um. Na arte urbana, tem mulher que tem um trabalho mais delicado, mas também tem mulheres que trabalham com a temática da violência, do erotismo.

As mulheres estão se aproximando na linguagem que elas quiserem. Assim como tem homem barbado, tatuado, que tem um desenho superdelicado. As pessoas vão criando estereótipos, mas se você olha bem, percebe que eles já estão quebrados. Nós (mulheres) estamos fortalecendo nosso movimento. Mais e mais meninas querem sair para pintar”.



TRETA MC E O RAP
 “Eu sei sinto bem respeitada pelos homens no meio do rap, sou muito bem aceita pelos mentores. O rap feminino cearense está se expandindo, vários grupos estão se formando e a gente vê que as mulheres têm muita força nesse meio. Nas minhas letras, eu falo da igualdade entre homens e mulheres. Falo para esses caras que querem ser maiores que as suas esposas, mães, filhas. Eu dou conselhos para homens e mulheres, e eu tenho bons retornos de alguns homens. Eles falam que a minha letra os ajudou a entenderem o lado da mulher. Eles têm que saber como as mulheres se sentem quando não são respeitadas. Comecei no rap com 18 anos e tenho orgulho de ser a primeira mulher a lançar um CD de rap no Ceará”.



SIRLANNEY E OS QUADRINHOS
 “Até a década passada, o cenário nacional era composto apenas por nomes masculinos. Ainda tem muito esse mito de que esse assunto só era dos homens. Mas, nos últimos dois anos, não só no Brasil, aumentou muito o número de autoras. Saíram um pouco dessa ideia de que quadrinho é só história de super-herói. Essa cena feminina muito forte incomoda, tem uma resistência dos homens, como se o nosso trabalho fosse sempre uma coisa fofa, tivesse menos mérito. Não tenho nenhum problema em parecer fofa, mas é engraçado que quando um quadrinista homem é sentimental, ele é tratado como poético. Ainda tem muita coisa que a gente precisa resolver, é importante serm data como esta (8 de março) para lembrar que feminismo não é uma questão do passado”.



VANÉSSIA E O TEATRO DE RUA
 “Nós mulheres estamos em cena, na rua, com nossos corpos disputando pensamentos e questões que vão para além de nomes objetivos, que poderiam centrar-se somente em apresentar um espetáculo. O que estando claramente é que há a regulação no corpo das mulheres, ou ele é valorizado como corpo objeto ou estão cercadas. Na arte, no Teatro de Caxetas, colocamos isso em questão a todo momento. Sabemos que os nossos corpos estão expostos à violência. A arte é um dispositivo potente e significativo para reorganizar a ordem estabelecida, fazer ressonar as formas já cristalizadas. O movimento feminista, dentro suas conquistas, se alia à arte através de sua potencial para fortalecer as lutas de todas as mulheres”.



JÉSSICA E OS GAMES
 “Ainda vemos o machismo no universo dos games, mas a rejeição não. Eles sempre acham que a mulher é pior que o homem no jogo, pensam que a gente não tem habilidade o suficiente. Mas as meninas do game não unidas e cada uma tem sua forma de ser. Uns mais melancólicas, outras mais delicadas, e essa diversidade é muito importante. Quem disse que todas têm que ser iguais? Gravei vídeos desde 2013 e muitas meninas me assistem, assim como muitos meninos também e eles acabam passando por cima do preconceito e compreendo melhor, vendo que uma mulher tem muito a dizer sobre videogame. Eu não preciso dizer 'ah, eu estou lutando pela causa feminista', mas isso acaba acontecendo”.



Caderno 3

A NEGRI T U D E A O P A S S O D A S A R T E S

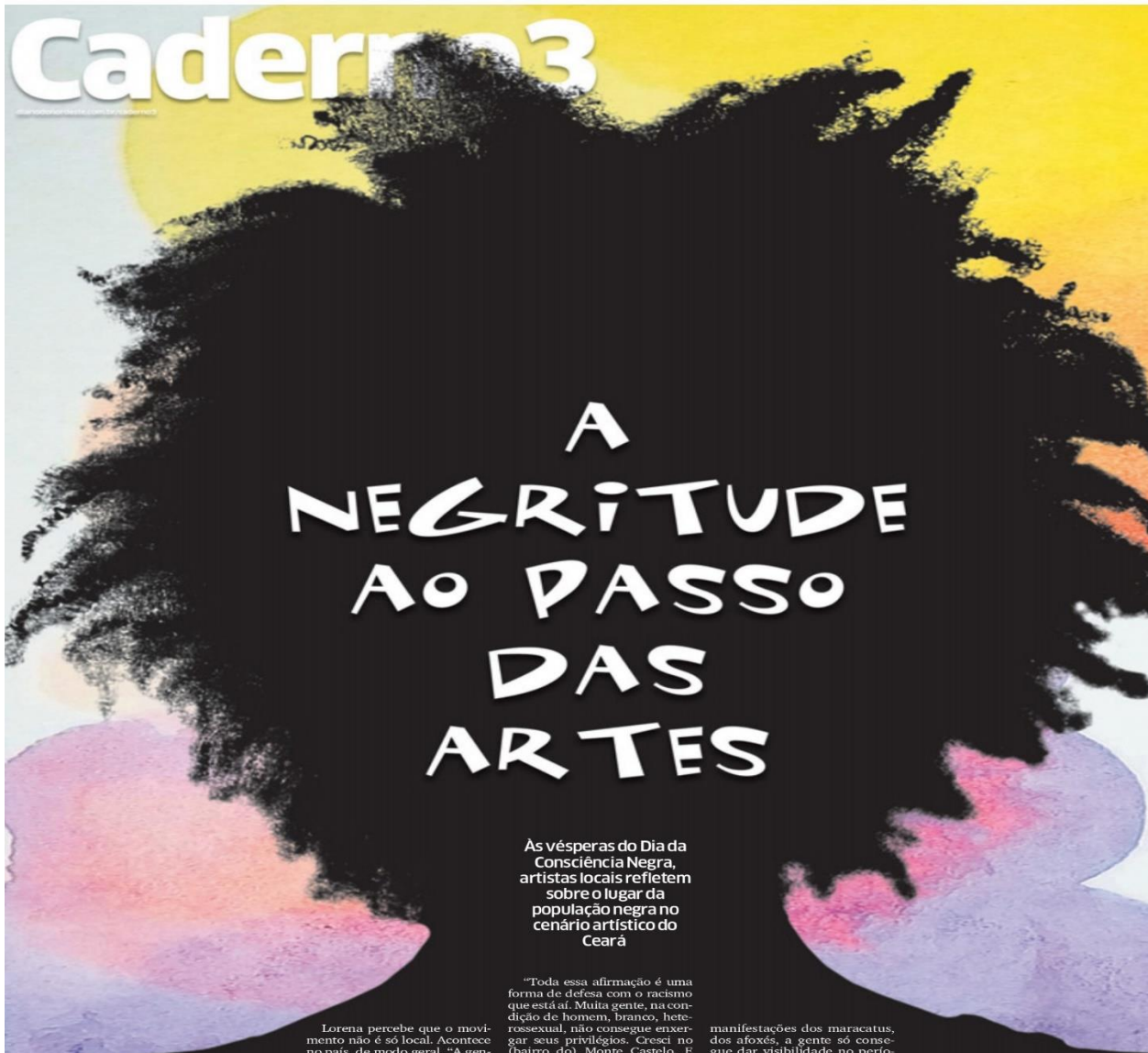
As vésperas do Dia da
Consciência Negra,
artistas locais refletem
sobre o lugar da
população negra no
cenário artístico do
Ceará

“Toda essa afirmação é uma
forma de defesa com o racismo
que está aí. Muita gente, na con-
dição de homem, branco, hete-
rosexual, não consegue enxer-
gar seus privilégios. Cresci no
(bairro do) Monte Castelo. E

manifestações dos maracatus,
dos afoxés, a gente só conse-
gue dar visibilidade no perfo-

“Toda essa afirmação é uma
forma de defesa com o racismo
que está aí. Muita gente, na con-
dição de homem, branco, hete-
rosexual, não consegue enxer-
gar seus privilégios. Cresci no
(bairro do) Monte Castelo. E

manifestações dos maracatus,
dos afoxés, a gente só conse-
gue dar visibilidade no perfo-



artistas locais refletem sobre o lugar da população negra no cenário artístico do Ceará

FELIPE GURGEL
Repórter

As comemorações pelo Dia da Consciência Negra (neste domingo, 20) suscitam uma série de questões sociais, e uma delas trata-se do lugar de artistas negros no cenário artístico. Reconhecida como um espaço de construção de novos paradigmas, a produção cultural, nesse ponto, cresce como uma manifestação de contestação ao preconceito racial. O Caderno 3 ouviu artistas locais – que se reconhecem como negros – a fim de vislumbrar qual seria o lugar da população negra, enquanto artista, no Ceará.

Para a cantora e compositora Lorena Nunes, 27, há um processo de “empoderamento” crescente. “Posso falar do meu lugar, enquanto negra, e observando alguns parceiros e amigos também. Os negros daqui têm se reconhecido mais, se fortalecendo nessa construção de redes. E acho que isso só tende a se positivar”, aponta ela.

Lorena percebe que o movimento não é só local. Acontece no país, de modo geral. “A gente vê alguns negros em posições de mais destaque e as questões raciais sendo discutidas. Mas ainda tem muito pra mudar e pra desconstruir o preconceito histórico”, reflete a cantora.

O ator e jornalista Danilo Castro, 27, do grupo teatral Achados & Perdidos, observa que essa desconstrução passa, por exemplo, por taxações como as que determinam que, “se você é ator, negro, só pode fazer personagens negros. Na escola, eu era o saci, e a na encenação da Paixão de Cristo não poderia fazer Jesus. Pesquisando a imagem, vi que o Jesus loiro, de olhos claros, era um padrão eurocêntrico”, recorda.

Em junho passado, o ator realizou uma intervenção urbana, intitulada “Você não é negro”, em que saiu colando pelas ruas de Maricá (RJ), durante uma edição do Festival Internacional da Utopia, cartazes com as frases que já ouviu de pessoas querendo convencê-lo de que ele não seria negro.

A frase “Você é tão bonito que, se fosse branco, seria um príncipe” (dita por um namorado dele) foi uma delas. Ele registrou em vídeo a colagem.

“Toda essa afirmação é uma forma de defesa com o racismo que está aí. Muita gente, na condição de homem, branco, heterossexual, não consegue enxergar seus privilégios. Cresci no (bairro do) Monte Castelo. E me arrumava pra não ser abordado pela polícia na rua, como se a roupa fosse me livrar de ser confundido com alguém suspeito. Minha pele era um demarcador social. Meus amigos brancos não passavam pela mesma coisa”, conta Danilo.

Tensão

A tensão que envolve a população negra no espaço público dialoga com leituras mais graves sobre a situação de “invisibilidade” dos artistas negros no cenário artístico local. Indagado sobre este contexto, Leno Farias, brincante de maracatu e atual presidente da Associação Afro-Brasileira de Cultura Alagá, percebe a situação “muito mal. Não consigo enxergar, infelizmente. As

Para a cantora e compositora Lorena Nunes há um processo de “empoderamento” crescente entre os negros

manifestações dos maracatus, dos afoxés, a gente só consegue dar visibilidade no período carnavalesco”, afirma.

Ele complementa: “em outros períodos, não conseguimos. Movimentos como o hip hop não se enxerga dentro do cenário local. (A exposição dos trabalhos) é muito pontual”, detalha Farias.

Membro do Conselho Nacional de Cultura (ligado ao Governo Federal), ele aponta que, no âmbito estadual, ainda há sensibilidade da gestão pública, através da presença de Zelma Madeira como titular da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial. “Mas ainda é pouco”, reforça, enfatizando que não há uma postura mais firme, com a questão, por parte da Secretaria da Cultura do Estado.

“A gente tem uma cultura específica, mas é engolido pelo que vem de fora. É um vício do povo aqui no Ceará, por exemplo, achando que o maracatu pernambucano é sempre melhor que o nosso”, observa Leno Farias.

Localização

De acordo com a atriz Vanéssia Gomes, do grupo Teatro de

Caretas, é considerado um avanço “quando a gente já consegue localizar que há artistas negros (no cenário artístico local)”, pontua. Para ela, a “autoafirmação enquanto negro” ainda é um processo recente e o fato de se “falar desse lugar, ajuda a questionar uma invisibilidade que dura há séculos. Aqui no Ceará, onde se dizia que não haviam negros (em suas bases de fundação), acho que é um primeiro passo entender que sim, existem negros”, compreende.

Vanéssia Gomes lembra também do trabalho do dramaturgo e ativista negro Abdias Nascimento (1914-2011), como exemplo de reflexão sobre o local dos negros na arte, e mais especificamente no teatro. A atriz acredita que, através do próprio corpo, de sua presença física, algum recado político já é passado adiante. “E se ver como negro, estando na arte, já é (por si só) um posicionamento político”, analisa ela.

Leia mais na página 4





última hora

9Fev JOGADA
18h49 Com gol de Clodoado, Quixadá goleia Icasa e já mira G4



TEATRO

Por uma filosofia da arte cênica coletiva

25.01.2012

Compartilhar 0 Tweet 0 +1 0

🖨️ A- A+



Encontro com o Théâtre du Soleil em Fortaleza, com a presença do ator e diretor integrante da Cia., Maurice Durozier

A Grécia pode ter sido o berço das artes na Antiguidade, mas há de se reconhecer que, na modernidade, a França desponta como um celeiro artístico de referência, com escolas, movimentos e estéticas fundantes e que inspiram artistas de diferentes gerações. Um dos símbolos desse nascedouro cultural é o Théâtre du Soleil, companhia que une filosofia, vida e arte em um projeto que não prega o individualismo, mas a produção de forma coletiva.

Companhia Théâtre du Soleil em turnê pelo Brasil, ano passado

DIVULGAÇÃO/MICHÈLE LAURENT

Composto inicialmente por 10 alunos da Universidade de Sorbonne, integrantes da Associação Teatral dos Estudantes de Paris, a companhia surge, em 1964, sob os direcionamentos de Ariane Mnouchkine, que permanece à frente da direção da companhia até os dias atuais. Movidos pela efervescência política dos anos de 1960, atores, diretores, músicos, preparadores corporais e demais profissionais construíram um modo de trabalho coletivo que resultou em uma estética e filosofia diferenciadas.

"O Teatro do Soleil representa o que hoje a maior parte das companhias buscam, que é ter um grupo com o princípio de estar em um coletivo", explica a diretora da Escola Pública de Teatro da Vila das Artes, Vanéssia Gomes. A filosofia da coletividade não fica restrita à montagem dos espetáculos, na verdade, ela orienta o próprio modo de vida dos que da companhia fazem parte.

Os integrantes, por exemplo, vivem juntos, em uma comunidade, e tentam reproduzir esse clima nos espetáculos que encenam. Essa união é apregoada desde a gênese do grupo. Em 1970, eles se instalaram no bosque de Vincennes, no prédio de uma antiga fábrica de munição do exército francês, a "Cartoucherie", localizada nos arredores de Paris. De um espaço para ensaios, o lugar se transforma em teatro, promovendo assim a junção do cotidiano dos atores com a construção teatral.



FACEBOOK

Diário Nordeste
Curtir

335.785 pessoas curtiram Diário Nordeste.

Plug-in social do Facebook

ÚLTIMAS DA EDITORIA

10Fev | 00h00

A repetição como criação

10Fev | 00h00

Hermínio Bezerra

10Fev | 00h00

O novo Jack Ryan, o herói superficial

10Fev | 00h00

É...

10Fev | 00h00

Democratização do humor

ÚLTIMA HORA

10Fev | 09h28

Coreia do Sul e EUA vão iniciar manobras militares conjuntas

o lugar se transforma em teatro, promovendo assim a junção do cotidiano dos atores com a construção teatral.



Como lembra Vanéssia, as peças construídas pelo grupo visam ao ideal da participação e são encenações grandes e tecnicamente elaboradas com vistas a valorizar o momento do estar em cena, da presença marcante da encenação. Por conta de todas essas particularidades, o Teatro do Soleil tornou-se referência mundial e ao longo desta semana poderá ser conhecido mais de perto por atores, diretores de teatro e espectadores durante atividades que incluem exibição de filmes e documentários sobre peças apresentadas pelo grupo, todas comentadas pelo ator e diretor da companhia, Maurice Durozier.

Esse encontro com o Teatro do Soleil é promovido pela Prefeitura de Fortaleza por meio da Vila das Artes, e conta com parceria do Theatro José de Alencar e do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. "A escola pública espera com isso trabalhar a premissa da coletividade para estabelecer um teatro consolidado, que tenha uma discussão de mundo", frisa Vanéssia Gomes.

Retorno

Em 2010, Maurice Durozier esteve em Fortaleza e também ministrou palestra no TJA como parte da programação de 100 anos do teatro cearense. Nos anos 1980, ele já tinha visitado o Ceará e este ano retorna para mais um diálogo.

Ele chega à capital cearense após turnê com apresentações no Brasil e no Chile. "Maurice chega depois de uma temporada encerrada e isso é rico, porque ele vêm com essas vivências", acrescenta Vanéssia Gomes. O ator e diretor apresentará a conferência-espetáculo "Palavra de Ator", às 10 horas do dia 28.

Na ocasião, tratará da relação com outros profissionais que compõem o grupo francês. A apresentação está dividida em três momentos. O primeiro, composto de cinco capítulos: "A ilusão e a verdade"; "O nascimento do ator"; "O sagrado"; "O teatro de Nova-Iorque" e "O teatro e a vida". Em seguida, ele abordará temas como o teatro indiano, o narcisismo, o cansaço e as emoções e, por fim, mostrará suas reflexões sobre a vida e suas consequências na arte. O ator irá dialogar com duas atrizes locais antes de expor sua relação com a companhia. Além disso, Maurice preparará um chá indiano que será servido para a plateia, a exemplo do que acontece nas apresentações do Teatro do Soleil.

Mais do que uma ação de acolhimento, como destaca a diretora da Escola Pública de Teatro, a oferta do chá, um alimento, é uma forma de estabelecer um vínculo de comunhão entre a plateia e a arte, uma demonstração dos princípios que norteiam os espetáculos da companhia francesa.

Durante as tardes dos dias 25, 26 e 27, Maurice, que integra o Teatro do Soleil desde 1984, acompanhará a exibição dos filmes e documentários. Ele mesmo se encarregou da seleção do material a ser exibido com e, ao final das exibições, tecerá comentários acerca das obras apresentadas. Cada dia das atividades na Casa Amarela Eusélio Oliveira será iniciado com fragmentos de espetáculos.

Vanéssia Gomes acrescenta ainda que os filmes tratam de encenações com a temática da diáspora, ou seja, movimentos de idas e vindas do homem em busca do seu lugar no mundo, temas recorrentes nos trabalhos da companhia.

NAIANA RODRIGUES
REPÓRTER

Coreia do Sul e EUA vão iniciar manobras militares conjuntas

10Fev | 09h24

Funceme registra chuva em 62 municípios

10Fev | 07h47

Cinegrafista ferido em manifestação continua em estado muito grave

9Fev | 20h44

Vasco empata e mantém 3º lugar no Campeonato Carioca

9Fev | 20h17

18 mil fiéis lotam o Estádio Presidente Vargas para celebrar o "Queremos Deus" 2014

TWITTER

Tweets

Follow

Diário do Nordeste @diarioonline 30m

Veja algumas das tatuagens mais bizarras feitas por famosos bit.ly/1eNfNu2

Diário do Nordeste 50m

AL quer pressionar STF a julgar ação sobre as divisas entre o Piauí e Ceará bit.ly/1gfP0GF
Expand

Diário do Nordeste @diarioonline 1h

História do futebol em 3D bit.ly/1jpDmfS
Expand

Diário do Nordeste @diarioonline 1h

Tweet to @diarioonline



LINGUAGENS E PROJETOS

Território babelico



◉ LINGUAGEM MAIS antiga no programa da Vila das Artes, o audiovisual investe em formação e produção FOTOS: JOSÉ LEOMAR

◉ Mais do que uma escola de audiovisual, a Vila das Artes concentra atividades de formação, difusão, produção e pesquisa em quatro linguagens artísticas

Inaugurada em 19 de setembro de 2008, a chamada Casa das Escolas, primeiro bloco da Vila das Artes, abriga atividades da Escola de Pública de Audiovisual, Escola Pública de Dança, Centro de Artes Visuais de Fortaleza e da recém-inaugurada Escola Pública de Teatro. Somente este ano, além da formação em teatro, foram lançados oito novos cursos, que são o Laboratório de Linguagens Visuais, Pesquisa em Artes Visuais, Pontos de Corte, Cinefotografia Digital, Assistente de Figurino e Metodologia de Camarim, Edição em Vídeo e Formação Básica em Dança.

"Uma coisa que vale para a Vila como um todo é a reflexão de onde a gente pode se inserir nessa questão da formação na Cidade. Hoje, temos a formação nas universidades, formação em ONGs, que já foi muito forte na Cidade. De que forma a gente pode contribuir, para sermos não apenas cursos, mas para realmente fazermos a diferença?", reflete Sílvia Bessa, gestora da Vila das Artes.

Ela explica que o projeto original da Vila previa, como áreas de atuação, apenas as artes visuais, dança e o audiovisual. A própria dinâmica da Cidade e as demandas apresentadas pelos artistas fizeram com que, aos poucos, fossem inseridas as outras linguagens.

O primeiro a ser posto em prática, além da formação em audiovisual, foi o curso Dança e Pensamento, da Escola de Dança, dedicado a formação de críticos e ao aprofundamento teórico dos artistas. Hoje, a linguagem funciona em três linhas de atuação, uma delas voltada para profissionais da dança, com cursos temáticos de curta duração; o projeto Dançando na Escola, com aulas básicas ministradas a alunos de 23 escolas públicas do município, além de oferecer dinâmicas de atualização pedagógicas aos professores; e o curso de formação básica em dança, com duração de seis anos, para jovens na faixa etária de oito a 12 anos.

O coordenador da Escola de Dança, Ernesto Gadelha, ressalta que os cursos ofertados abrangem desde o primeiro contato, com o curso nas escolas, passando pelo curso de formação bá-



◉ A DANÇA foi a segunda linguagem trabalhada na Vila das Artes. Um dos projetos, o curso de Formação Básica em Dança, atende crianças entre oito e 12 anos FOTOS: WALESKA SANTIAGO

◉ Depois do audiovisual, a primeira linguagem a entrar em cena na Vila das Artes foi a Dança

◉ As ações de Artes Visuais tomaram um rumo diferente daquele pensado na concepção do projeto da Vila

ca, que oferece um maior aprofundamento, a cursos para os profissionais que já atuam na Cidade. "A Vila das Artes tem um pouco a característica de poder responder de forma pontual a algumas demandas e ao mesmo tempo poder pensar ações que tenham uma continuidade dentro de um prazo mais longo e que possa talvez se configurar como uma ação permanente", analisa Gadelha.

Artes visuais

Ainda sem o espaço que lhe seria destinado com a reforma da casa do Barão de Camocim, o Centro de Artes Visuais de Fortaleza também já dá os seus primeiros passos dentro da Vila das Artes. O coordenador da linguagem, Enrico Rocha, explica que, apesar de estar presente no projeto original, o Centro tem hoje uma dimensão diferente da que havia sido pensada. "A Vila é um

projeto dinâmico. A gente não se baseia em modelo de lugar nenhum. Estamos querendo produzir um modelo que interesse à Cidade. No primeiro projeto, o Centro de Artes Visuais já estava presente, mas ele tinha uma relação mais direcionada à Escola de Audiovisual, porque já se previa ali a relação entre linguagens", explica. Ele seria uma forma de estreitar a relação entre o cinema e as artes visuais, dispondo de salas para vídeo-instalações, por exemplo.

Com a implantação, o centro ampliou seu foco de ação, firmando ainda uma parceria com o Centro Cultura Banco do Nordeste (CCBNB). "Além de pesquisa para os interessados em artes visuais que já tenham uma trajetória sedimentada, dispomos de um laboratório de linguagens para pessoas que já atuam, mas ainda não tenham essa trajetória. Além disso, temos cursos de apreciação de artes e estamos dando orientação a cursos que já aconteciam no CCBNB", ilustra.

Entre as ações resultantes dessa parceria, destaca-se o projeto "Debates Incalculáveis", promovendo mensalmente discussões sobre arte, políticas públicas e cidade, que em 38 edições teve um público de mais de 1,5 mil pessoas.

Enrico ressalta que a reforma na casa do Barão abriria um importante espaço para a difusão, com três salas destinadas a exposições, algo fundamental para

dar sequência ao trabalho desenvolvido na pesquisa, mas principalmente, ganharia-se com a criação de uma biblioteca especializada em arte. "A biblioteca que é fundamental para todas as ações da Vila", reforça.

Grupos

A mais jovem entre as escolas da Vila é a Escola Pública de Teatro, inaugurada em outubro passado como uma demanda apresentada pela categoria. "Não havia nem um curso livre que fosse de excelência, que abraçasse as pessoas que já têm experiência, que já estão no processo de trabalho", explica a coordenadora, Vanéssia Gomes.

A escola conta com um projeto batizado de "Teatro: conexões contemporâneas", com ações focadas no teatro de grupo. O curso está em sua primeira turma, com participação de 40 artistas de 37 grupos, e prevê a realização de 13 módulos. "A ideia é que eles estejam a cada módulo apresentando suas pesquisas para os professores que estão vindo e há um diálogo com esses professores", detalha. A proposta, segundo Vanéssia, é fomentar o diálogo sobre questões contemporâneas do fazer teatral e fomentar o debate com a Cidade.

Além deste curso, a Escola de Teatro promove os Diálogos Teatrais, reunindo mensalmente artistas interessados em compartilhar experiências de teatro de grupo. (FM) ◉



◉ SÍLVIA BESSA, coordenadora da Vila das Artes: desafio do equipamento é fazer a diferença no cenário local FOTOS: WALESKA SANTIAGO



◉ ERNESTO GADELHA, coordenador da Escola de Dança ressalta o alcance das ações: da iniciação à crítica FOTOS: WALESKA SANTIAGO

Arranjos natalinos a partir de 29,90

ABRIREMOS DOMINGO
Av. Eng. Santana Jr., 2654
Tel: (85) 3452.6833
Av. 13 de Maio, 1060
Tel: (85) 3452.6827

M ESPAÇO MANIX

FESTIVAL

Teatro participativo

● **A Secretaria de Cultura de Fortaleza divulga os espetáculos selecionados para a 7ª edição do Festival de Teatro de Fortaleza, cuja programação pretende atender demandas elaboradas pela classe artística**

MAYARA DE ARAÚJO
Repórter

Com o tema "A cidade como palco", o VII Festival de Teatro de Fortaleza, promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Fortaleza, pretende estender seu alcance, mapeando o que é produzido por grupos teatrais da cidade e promovendo um intercâmbio entre as escolas públicas de Fortaleza.

Demandas

Desde a seleção de espetáculos até decisões orçamentárias foram fruto de negociações entre a Secretária e a classe artística, que se reúne mensalmente no Fórum de Teatro. Dentre as demandas, acatou-se por exemplo, a diferenciação de mostras para abranger teatro de palco italiano, teatro de rua, além de contação de histórias e uma mostra de teatro de bairro, novidades da edição. Apesar da distinção, decidiu-se ainda que todos os espetáculos terão o mesmo cachê.

"A ideia é que o festival seja uma vitrine. Um panorama do que vem sendo produzido em Teatro na cidade. Queremos um

registro do pensamento teatral desse período e não só apresentar espetáculos", ressalta Vanêssia Gomes, diretora da Escola Pública de Teatro.

Outra demanda da classe artística são as oficinas e seminários. Os temas são: "Teatro e Educação"; "O teatro de grupo e os caminhos que apontam as políticas nacionais" e "O papel da imprensa na construção do olhar sobre a arte e a cultura da cidade". Em todos segue-se o padrão de unir palestrantes locais e importantes nomes de outros estados.

"Nossa intenção de trazer os palestrantes de fora é fazê-los perceber que aqui também acontece um movimento de pensar o teatro, queremos inserir Fortaleza nesse circuito de discussões", comenta Vanêssia.

O VII Festival de Teatro de Fortaleza acontece de 10 a 16 de outubro, ocupando não só equipamentos tradicionais como Theatro José de Alencar, Centro Dragão do Mar, Centro Cultural Banco do Nordeste ou teatros do Sesc, mas também o Centro Cultural Bom Jardim, o Cuca Che Guevara, praças e terminais rodoviários. ●

LISTA DE SELECIONADOS

TEATRO DE BONECOS

Criatura de Papel (Bricoleiros)
Olha o Olho dos Meninos (Bricoleiros)
Rainha de Nada (Cia. Epidemia de Bonecos)
Detestinha, o Bicho Que Detesta Ler (Circo Tupiniquim)
A Bruxa e a Natureza (Calú Maravilha)

INFANTIL

As Fadas (Grupo Passa Pra Dentro Menino)
Contos de Princesas e Plebeus (Zepilim)
Criações Cênicas)
Dona Baratinha (Cia. Midê Alegria)
Chapeuzinho Vermelho e Outros Contos (Grupo Era Uma Vez)
Yan (Grupo de Teatro.Com)

TEATRODERUA

Sertão.Doc (Grupo Nós de Teatro)
O Beijo de Catirina (Grupo Terua)
O Conto dos Três Conselhos (Grupo Sísifo de Teatro)
Porque a Gente é Assim? Porque a Gente é Assado? (Grupo Bagaceira)
A Gata Borralheira (Cia. Acontece)
Só Se For de Camisinha (Cia. de Teatro Reinventar)

ADULTO

Sakura Matsuri - O Jardim das Cerejeiras (Teatro MIMO)
Ivanov (Teatro Máquina)
O Luto (Movimento Teatro do Oprimido do Ceará)
Barrêta (Grupo Imagens)
Foi - Uma Peça aos Pedacos (Cia. Vão)
A Revolta das Coisas (Pavilhão da Magália)
Se o Sol Me Desse Bom Dia (Grupo de Arte Dramática Experimental)
Otelô (Coletivo Cambada)
O Maligno Baal (Grupo Experimental de Teatro)
Pra Não Falar de Teatro (Grupo CRISE)
Num Somu Bricho Somu Maria (Trapos e Cacarecos Cia. Teatral)
Pratutando (Cia. Mais Caras)
Confia em Mim (Grupo de Residência Artística)
A Noiva e o Condutor (Coral das Artes Cênicas do FCE)



1994 - ESTREIA NO TEATRO COMO PROTAGONISTA ESPETÁCULO YERMA

DIÁRIO DO NORDESTE
Fortaleza, Ceará — Domingo, 20 de março de 1994

Caderno 3

ROTEIRO



TEATRO - O drama 'Yerma', de Garcia Lorca, encenado pelos concludentes de 1993 do Curso de Arte Dramática da UFC, continua em cartaz aos sábados e domingos, às 21h, no Teatro Universitário (av. da Universidade, 2210). O texto contrapõe a infertilidade da mulher com a fertilidade do solo numa história contada na Espanha no início do século. Nove alunos participam da montagem, com direção de Ivonilson Borges. Ingressos: CR\$ 1 mil (inteira) e CR\$ 500,00 (homem).